

**UMA VIAGEM PEDAGÓGICA:
JOÃO DE DEUS RAMOS NO BRASIL**

**A PEDAGOGICAL TOUR:
JOÃO DE DEUS RAMOS IN BRAZIL**

**UN VIAJE PEDAGÓGICO:
JOÃO DE DEUS RAMOS EN BRASIL**

Elsa Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7969-4612>

Joaquim Pintassilgo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7685-7367>

Resumo: João de Deus Ramos, inspirado pelo movimento da Escola Nova, foi ao Brasil em 1928 estudar a diferenciação entre Portugal e Brasil através da educação e da poesia. Durante a sua estadia visitou escolas, colégios, academias, bibliotecas, institutos científicos e de assistência humanitária. No final da sua viagem pedagógica proferiu duas comunicações, uma sobre literatura onde abordou a poesia de João de Deus, Antero de Quental e Olavo Bilac, e outra sobre educação, onde divulgou os Jardins-Escolas João de Deus e o seu futuro projeto educativo, Bairro Escolar do Estoril. Igualmente participou na 2ª Conferência Nacional de Educação, realizada em Belo Horizonte, onde conheceu as principais preocupações educativas brasileiras. O fruto dos conhecimentos adquiridos está patente no acervo bibliográfico do Museu João de Deus que possui manuais escolares brasileiros que lhe foram oferecidos nessa ocasião e nos anos seguintes. Partindo, sobretudo, da análise dessas obras brasileiras, assim como através da reflexão sobre a imprensa escrita, pretende este artigo explicar de que modo a visita ao Brasil teve impacto nos projetos educativos de João de Deus Ramos, já que alguns manuais escolares foram bastante usados em contexto de sala nos Jardins-Escolas João de Deus e outras ideias foram aproveitadas para o funcionamento do Bairro Escolar do Estoril.

Palavras chave: Viagem Pedagógica, Escola Nova, Circulação de Ideias, Jardins-Escolas João de Deus, Bairro Escolar do Estoril

Abstract: João de Deus Ramos, inspired by the New School movement went to Brazil in 1928 to study the differentiation between Portugal and Brazil through education and poetry. During his stay he visited schools, colleges, academies, libraries and scientific and humanitarian aid institutes. At the end of his pedagogical tour he gave two talks, one on literature where he discussed João de Deus', Antero de Quental and Olavo Bilac's poetry, and another one on education, where he spoke about João de Deus Kindergartens and about his future educational project, Estoril School District. He also took part in the 2nd National Education Conference, held in Belo Horizonte, where he learnt about Brazil's main educational concerns. The result of what he learnt has its reflection on João de Deus Museum's book collection, which contains Brazilian textbooks that were given

to him on that occasion and in the following years. By analysing these Brazilian school manuals, as well as by exploring the written press, this article aims to explain how the pedagogical tour to Brazil had an impact on João de Deus Ramos' educational projects, since some of the school manuals were widely used in João de Deus Kindergartens' classrooms and other ideas were useful for building up the Estoril School District.

Keywords: Pedagogical Tour, New School, Circulation of Ideas, João de Deus Kindergartens, Estoril School District

Resumen: João de Deus Ramos, inspirado por el movimiento de la Escuela Nueva, fue a Brasil en 1928 a estudiar la diferenciación entre Portugal y Brasil a través de la educación y la poesía. A lo largo de su estancia ha visitado escuelas, colégios, academias, bibliotecas, institutos científicos y de ayuda humanitária. Al terminar su viaje pedagógico ha dado dos charlas, una acerca de literatura donde ha abordado la poesía de João de Deus, Antero de Quental y Olavo Bilac, y otra acerca de educación, donde ha dado a conocer las Escuelas Infantiles João de Deus y su futuro proyecto educativo, el Barrio Escolar en Estoril. De igual modo ha participado en la 2ª Conferencia Nacional de Educación, que se ha realizado en Belo Horizonte, donde él ha aprendido las principales preocupaciones educativas brasileñas. Los conocimientos que ha adquirido pueden verse en el fondo bibliográfico del Museo João de Deus, que contiene manuales escolares brasileños que le han sido regalados en aquella ocasión y en los años que siguieron su viaje pedagógico. Enfocando, sobre todo, en el análisis de estas obras brasileñas, así como en la reflexión sobre la prensa escrita, este artículo trata de explicar cómo la visita a Brasil tuvo repercusiones en los proyectos educativos de João de Deus Ramos, ya que algunos de los manuales escolares fueron ampliamente utilizados en las clases de las Escuelas Infantiles João de Deus y se aprovecharon otras ideas en la dirección del Barrio Escolar en Estoril.

Palabras clave: Viaje Pedagógico, Escuela Nueva, Circulación de Ideas, Escuelas Infantiles João de Deus, Barrio Escolar en Estoril

INTRODUÇÃO: VIAGENS PEDAGÓGICAS EUROPEIAS

João de Deus Ramos desde cedo se interessou por questões de ensino em Portugal. Relata-nos João de Barros, seu condiscípulo na Universidade de Coimbra, que

Estudante ainda, e ele estudante como eu, observei logo em João de Deus Ramos o interesse, o carinho, a atenção que dedicava a assuntos pedagógicos – e, sobretudo, à mesquinha sorte da criança pobre portuguesa, abandonada de amparo escolar na idade em que se forma a inteligência e em que se plasma a sensibilidade (Barros, 1933, p. 7-8).

O seu interesse pelo ensino surgira por influência paterna, João de Deus, que concebeu o método de leitura *Cartilha Maternal*, tendo sido amplamente usado em Portugal e além mar, de onde “era constantemente informado pelos amigos de como estava ocorrendo a divulgação da Cartilha no Brasil” (Trindade, 2004, p. 87)¹. Entre esses amigos encontrava-se Pessanha Pova, Inspetor da Província do Espírito Santo. Igualmente sofreu influência de Casimiro Freire, um homem de fortes ideais republicanos,

¹ Este assunto é aprofundado no capítulo “A divulgação da Cartilha Maternal no Brasil e a sua perenização em Portugal”.

que estando preocupado com a elevada taxa de analfabetismo em Portugal fundou a Associação de Escolas Móveis pelo Método João de Deus para combater esse flagelo. A importância deste homem está desenvolvida na obra *Casimiro Freire: o republicanismo e a instrução popular* que “Não sendo profissionalmente um educador, a educação [era] um dos seus campos de intervenção privilegiados” (p. 133), tendo também feito parte da direção do Centro Escolar e Eleitoral Pinto Ribeiro e da Sociedade Promotora de Educação Popular.

Neste contexto, João de Deus Ramos almejava criar escolas infantis em Portugal, às quais veio a dar o nome de Jardins-Escolas, para que pudesse dar à Cartilha Maternal um lugar próprio na escola portuguesa. De modo a se preparar para esta empresa e a aprofundar os seus conhecimentos sobre correntes pedagógicas, decidiu visitar instituições modelares que o pudessem ajudar a discernir o modelo de escola infantil a criar em Portugal. Para tal, empreendeu uma série de curtas viagens pedagógicas europeias, tendo a primeira sido realizada em 1905 a Madrid para “tratar de assuntos que respeita à defesa da *Cartilha Maternal*” (Método João de Deus em Espanha, 1905, p. 2). Porém, a mais relevante fê-la em 1907 na companhia do seu amigo João de Barros, que por ser pensionista² elaborou um relatório³ das boas práticas educativas dos colégios que visitou. “A ideia, já antiga, era que esses educadores, contactando com as inovações aí introduzidas, contribuíssem depois para a sua difusão em Portugal, e conseqüentemente, para a modernização do sistema de ensino” (Pintassilgo, 2007, p. 195). “A primeira vaga de bolseiros portugueses efetua as suas deslocações ao abrigo do Decreto n. 1 de 29 de maio de 1907, da responsabilidade de João Franco, então chefe do governo e ministro do reino, por onde passavam os assuntos da instrução” (Idem, p. 196).

“O referido decreto afirma pretender-se ‘aproveitar a experiência pedagógica dos países mais cultos da Europa’ enviando-se estudantes e professores para as ‘suas escolas modelares’. Ao regressarem a Portugal, depois do contacto ‘com civilizações adiantadas e progressivas’, conhecedores dos ‘melhores métodos de ensino’, os bolseiros poderiam constituir-se como ‘um núcleo resistente, ativo e fecundo de reforma’ (Idem, p. 197).

A viagem pedagógica tinha por objetivo “ver coisas novas, para colher impressões de progresso” (Barros, 1908, p. 64). A viagem teve o seu início em Espanha, visitando a *Institución Libre de Enseñanza* em Madrid, fundada por Francisco Giner de los Ríos, “nome conhecido e respeitado em Portugal” (Barros, 1908, p. 45). Nesse instituto “há a prática interessantíssima da coeducação” que “dá os melhores resultados” e que contribui para

² O termo pensionista usado na época é equivalente a bolseiro.

³ BARROS, João de. **A escola e o futuro**: notas sobre educação. Porto: Livraria Portuense e Lopes & C^a., 1908.

“uma melhor preparação para a vida social” (Barros, 1908, p. 45-46). João de Deus Ramos, também vendo vantagem na coeducação vai fazer dela uma das características dos seus Jardins-Escolas.

Durante a viagem visitaram ainda a Universidade Sorbonne, em Paris, e a *École des Roches* fundada por Edmond Demolins. Apesar de já conhecerem a Educação Nova por terem lido a obra *L'éducation nouvelle: l'École des Roches*⁴ ficaram gratos por aí terem visto os “mais modernos e simplificadores processos de ensino” (Barros, 1908, p. 68). Em Bruxelas encontraram-se com Jean-François Elslander, cujas principais obras igualmente conheciam: *L'éducation au point de vue sociologique*⁵ e *L'école nouvelle*⁶.

O contacto com a diversidade de métodos de Educação Nova é explicado através do seguinte excerto

Trazendo nos genes o respeito pelas exigências fundamentais da natureza da criança, a Educação Nova vai-se apropriando das sucessivas descobertas que no âmbito das várias ciências se vão fazendo no sentido de ampliar o conhecimento daquela natureza. Não espanta, pois, que os nomes sonantes daquela Escola não sejam apenas, nem especialmente, professores, mas outrossim médicos, psicólogos, investigadores, criadores de métodos e de técnicas, tais como, entre muitos outros, Dewey, Binet, Cláparade, Bovey, Ferrière, Piaget, Wallon e os fundadores de métodos, como Montessori, Decroly, Freinet, Cuisenaire⁷ (sic), isto é, “a melhor geração pedagógica de sempre” (Barreto, 2004, p. 32 *apud* Nóvoa, 1995, p. 26).

João de Barros prosseguiu a sua viagem pedagógica em Inglaterra, mas João de Deus Ramos não o acompanhou nesse percurso. De regresso a Lisboa conversou com o arquiteto Raul Lino acerca da conceção de um projeto arquitetónico para a construção de um Jardim-Escola a edificar em Coimbra. A 2 de janeiro de 1908 o mencionado arquiteto respondeu-lhe através duma missiva:

(...) estou completamente ao dispor de V. Ex^a para elaborar este projeto que muito me interessará e sinto-me feliz por poder colaborar de alguma forma numa obra que me é tão simpática e que eu considero da mais elevada importância. Depois de ouvir as explicações de V. Ex^a estou certo que me dedicarei com entusiasmo a

4 DEMOLINS, Edmund. **L'éducation nouvelle: l'École des Roches**. Nouvelle édition mise au courant. Paris: Librairie de Paris, [1905].

5 ELSLANDER, Jean-François. **L'éducation au point de vue sociologique**. Bruxelles: J. Lebègue, 1898.

6 ELSLANDER, Jean-François. **L'école nouvelles**. Esquisse d'une éducation basée sur les lois de l'évolution humaine. Bruxelles: J. Lebègue & cie, 1904.

7 Georges Émile Cuisenaire (1891-1975), pedagogo belga, criador das barras de Cuisenaire, um material didático que facilita a aprendizagem da matemática.

este trabalho que por ser inspirado nas teorias de Tolstói⁸ deve também obedecer a Ruskin⁹ na parte artística (...).

No ano seguinte João de Deus Ramos empreendeu outra viagem pedagógica passando pelas cidades italianas de Génova, Turim e Como, e pelas cidades suíças de Lugano, Genebra, Lucerna e Berna. A sua chegada a Portugal não passou despercebida à imprensa que já noticiava a ideia de criação dum Jardim-Escola em Coimbra:

O Sr. Dr. João de Deus Ramos, que foi de propósito à Espanha, à França e à Suíça estudar a organização das escolas infantis, está convencido de que o Jardim-Escola João de Deus, a edificar nesta cidade, será não só um elemento valoroso de educação dos filhos do operariado, mas ainda um monumento para o nosso país, em que os estrangeiros terão alguma coisa que ver e aprender. No Jardim-Escola a criança encontrará o concheço do lar doméstico no carinho maternal de uma professora dedicada, aprenderá a conhecer a natureza no contacto permanente com ela e no ensino ao ar livre, fortificará o corpo à custa do cumprimento rigoroso dos preceitos higiénicos, desenvolverá o gosto pelo trabalho nos rudimentos interessantes dos exercícios manuais, ficará, por fim, a conhecer a sua língua pela aplicação nacional do método de João de Deus estudado com a máxima liberdade e procurando estimular-lhe a vontade e a curiosidade de saber (...) (Jardim-Escola João de Deus: Propaganda para aquisição de fundos, 1908, p. 1)

Mesmo após a inauguração do primeiro Jardim-Escola, outras viagens pedagógicas se seguiram, nomeadamente em 1911, a Bruxelas, onde se encontrou com o diretor da Escola Comunal nº13, o sr. Théodore Daumers, que lhe ofereceu o livro *Le premier congrès international d'éducation morale et sociale: tenu a Londres du 25 au 29 septembre 1908: rapport présenté à l'administration communale de Bruxelles* onde ele expressava que “Temos de ensinar as crianças a fazer o bem pelo bem, a se respeitarem a si próprias e a merecerem a estima dos outros”¹⁰ (p. 17, tradução nossa). Considerando esse princípio correto, João de Deus Ramos levou-o aos Jardins-Escolas que viria a inaugurar e quando entrevistado pelo jornal Diário Popular (1945), afirmou que não havia “nem prémios nem castigos na educação da criança!” (p. 7).

Em 1913 foi a Paris tendo em mente trabalhar na adaptação da *Cartilha Maternal* à língua francesa, mas devido ao eclodir da I Guerra Mundial, não lhe foi possível voltar a sair do país durante o período de 1914 a 1918. Terminada a guerra, João de Deus Ramos

8 Liev Tolstói (1828-1910), escritor e educador russo, autor da obra *O que é a arte?* Dedicou-se aos estudos pedagógicos e fundou uma escola em Iasnaia Poliana, segundo a pedagogia libertária, na qual, entre outros aspetos, os alunos podiam escolher os seus estudos segundo os seus interesses e dando valor à ciência e à razão.

9 John Ruskin (1819-1900), escritor, crítico de arte, pensador que escreveu sobre arquitetura e restauro.

10 Tradução dos autores a partir do texto original “Nous devons apprendre aux enfants à faire le bien pour le bien, à se respecter eux-mêmes et à mériter l'estime des autres”.

retoma as suas viagens, indo duas vezes a Paris e a Beauvais no ano de 1919, assim como uma vez em 1920 e em 1921 e a Madrid em 1922.

Acrescenta-se que João de Deus Ramos nunca foi bolsheiro, tendo feito todas as suas viagens pedagógicas, incluindo a que realizou no Brasil em 1928, costeando as suas próprias despesas. Com relativa frequência as notícias de imprensa ressaltavam o facto de ele não usufruir de nenhum apoio do governo e, portanto, as suas viagens serem feitas por motivações pessoais e de modo independente.

O PROJETO PEDAGÓGICO DOS JARDINS-ESCOLAS JOÃO DE DEUS

Os Jardins-Escolas João de Deus foram concebidos para crianças dos quatro aos oito anos de idade, porque, na opinião de João de Deus Ramos, em *O Comercio do Porto* (1941, p. 3) “é precisamente, nesta idade que a criança está abandonada, senão a si própria, o que é o geral, pelo menos a uma educação perniciosa. É este o erro tão perigoso, de tão graves consequências, que o Jardim-Escola pretende emendar”. O projeto pedagógico consistia em orientar a criança no sentido que ela crescesse intelectualmente, fisicamente e moralmente de forma harmoniosa e íntegra.

De todas as características a preponderante é que a alfabetização fosse feita aos 5 anos de idade com a aprendizagem da leitura através da *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*, em simultâneo com o ensino da escrita através da *Arte de Escrita* e do ensino da aritmética através da *Arte de Contas*, todas elas obras pedagógicas de João de Deus. Para facilitar o processo de aprendizagem as crianças eram divididas em três secções. A 1ª secção, chamada de Viveiro, destinava-se a crianças de 4 a 5 anos de idade; a 2ª secção era para crianças de 6 a 7 anos e a 3ª secção para crianças de 7 a 8 anos.

Em entrevista ao *Correio da Estremadura* (1943) João de Deus Ramos resumiu as linhas didáticas do método João de Deus como sendo “a educação dos sentidos, como resultante natural dos conhecimentos que vão surgindo, associados como o desenvolvimento psicológico e físico” (p. 6) e explicou que as didáticas dividiam-se em “Lições de coisas, Iniciação ao desenho, Trabalhos manuais educativos, Jogos de movimentos ao ar livre, Ginástica sueca, Ginástica rítmica (Dalcrose), Canto coral e Cartilha Maternal” (p. 6) e afirmou que era fundamental “ensinar a ler, lendo, como se ensina a falar, e sempre raciocinando” (p. 6), assim como a “obediência ativa” e o “ambiente escolar, criado pelas instalações (desde a arquitetura até aos detalhes do material escolar)” (p. 6).

Noutra ocasião, quando interpelado pelo redator da revista *Vida Mundial Ilustrada* sobre o funcionamento do Jardim-Escola, João de Deus Ramos respondeu da seguinte forma:

- Como funciona a escola?
- Como nenhuma outra. porque apesar de seguirmos o sentido geral que orienta *L'École Maternelle*, a *Casa dei Bambini* e o *Kindergarten*, estes Jar-

dins-Escolas têm feição absolutamente própria. Repare nesta casa, expressamente feita para este fim: não tem sequer corredores. A criança, dos 4 aos 8 anos, vive aqui quase metade dos seus dias num constante encanto e numa laboração cerebral (Fala-se do poeta João de Deus, da Cartilha Maternal, dos Jardins-Escolas e da exedra a inaugurar no dia 10, 1942, p. 12).

O PROPÓSITO DA VIAGEM PEDAGÓGICA AO BRASIL

No preâmbulo de *Era uma vez um colégio...* (1936, p. 5) João de Deus Ramos afirmou que “Há mais de vinte anos que eu imaginara um colégio bem diverso de quantos tive ocasião de conhecer”. Esta afirmação remete-nos para o início do século XX, período coincidente com as viagens que ele empreendeu na Europa, com as suas leituras sobre pedagogia e com o seu contacto com o movimento da Escola Nova.

Portanto, ficamos a saber que as suas viagens tiveram o duplo propósito de visitar escolas infantis e colégios. Através do contacto com essas instituições educacionais, rapidamente se apercebeu que elas tinham aspetos que não eram inteiramente do seu agrado por não terem um ambiente adequado ao seu propósito. Por conseguinte, sabia que não queria

Nem o convento sombrio, misterioso, onde faz medo entrar. Nem o palácio acolhedor, mas impróprio na sua solenidade de interiores luxuosos, geralmente danificados pelo tempo. Nem as camaratas desconfortáveis que lembram pela alvura e pela extensão enfermarias de hospital. Nem os longos corredores, tristes e soturnos (Idem).

A idealização e a concretização do projeto educativo tardaram bastante devido ao investimento financeiro que exigia ser feito, bem como à atividade política de João de Deus Ramos que não lhe permitia abalançar-se de imediato nessa empresa. No entanto, após ter sido Ministro da Instrução e Ministro do Trabalho, é natural que se tenha sentido com capacidade para embarcar num empreendimento desta envergadura, pois gozava de prestígio social e estava circundado de amigos e conhecidos nos cargos certos para o ajudar. Em junho de 1925 estabeleceu os primeiros contactos com Fausto Figueiredo¹¹ e escolheu a localização do futuro colégio no topo da Avenida Saboia, no Estoril. Na opinião do dr. Armando Narciso (médico especialista em climatologia, assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa), a escolha da localização tinha sido acertada, porque o Estoril é “dotado de clima marítimo brando, de temperatura muito igual, que quase não varia nas estações extremas, e faz dele uma estação de beira-mar, de pequena estimulação, que só encontra semelhança nas melhores praias do Mediterrâneo” (Prospeto do Bairro Escolar do Estoril, [1929], p. 7-8). Por consequência, o Estoril reunia as condições climatéricas necessárias para o bom funcionamento do colégio e para a prática da Educação Física.

11 Fausto Cardoso de Figueiredo (1880-1950) ex-presidente da Câmara Municipal de Cascais, empreendedor, trabalhando para o desenvolvimento do turismo no Estoril.

João de Deus Ramos gostaria de conceber um colégio segundo o modelo das Escolas Novas, que eram “verdadeiros laboratórios de pedagogia prática” (Ferrière, 1928, p. 125). Com frequência, esses colégios situavam-se no campo, longe do bulício das cidades, onde os alunos pudessem ter contacto com a natureza e desenvolver a prática desportiva. Neste enquadramento, os colégios que lhe serviram de referência educativa foram a *École des Roches* (na França), *La Châtaigneraie* (na Suíça) e a *Bedales School* (na Inglaterra).

O colégio funcionaria em regime de internato para alunos do sexo masculino, tendo a opção de ser frequentado em regime de externato por ambos os sexos. O regime de internato era o único que permitia “a influência completa dum ambiente em que a criança se move e cresce permite dominar todos os fatores do crescimento e realizar assim uma educação integral” (Ferrière, 1928, p. 125). Os alunos internos residiriam num agrupamento de casas, dentro da mesma área de terreno vedado, mas independentes dos edifícios escolares. A oferta pedagógica daria a possibilidade de os alunos frequentarem a Escolaridade Primária, de fazerem o Curso dos Liceus, o Curso Elementar do Comércio ou a Escola de Artes e Ofícios, dando resposta educativa não só a crianças, mas também à juventude. O ensino teria a componente de Línguas, Música, Cultura Artística, Ginástica e Jogos Educativos que seriam ministrados por professores competentes.

A 30 de agosto de 1928 foi criada a Sociedade Promotora dos Bairros Escolares, Lda., composta por João Soares, o capitão Virgílio Silva, o Dr. Mário Pamplona Ramos e pelo próprio, João de Deus Ramos; e em finais de setembro desse mesmo ano, munido de um anteprojecto do plano arquitetónico do Bairro Escolar do Estoril¹², embarcou no navio Cantuária Guimarães, rumo ao Brasil, desembarcando na Baía da Guanabara a 17 de outubro.

Através dum telegrama enviado de Lisboa para o jornal *Correio da Manhã* souberam antecipadamente da chegada de João de Deus Ramos ao Brasil e por isso foi entrevistado ainda a bordo, enquanto uns passageiros desciam e outros subiam. Disse-lhes ele “A minha viagem ao Brasil é a realização de um grande desejo, que eu acalentava há longos anos” (Para estudar a diferenciação luso-brasileira, 1928, p. 3) e pelo jornalista do *Globo*, António Leal da Costa, fica-se a saber que a missão de João de Deus Ramos não era oficial. Pelo contrário, era “uma missão de estudos e, por isso, essencialmente intelectual” (Numa missão exclusivamente intelectual, 1928, p.1). E ao jornal *A Noite*, de 23 de outubro, João de Deus Ramos especificou que

O que me traz a esta linda cidade¹³ é a mesma aspiração que tem norteado a minha própria existência – os estudos especializados de educação, na variedade de métodos e processos, conforme as determinantes locais e as adaptações impostas pelo meio. O Brasil me servirá para esse largo campo

12 Anteprojecto arquitetónico datado de agosto de 1928, concebido pelo arquiteto Raul Lino segundo as diretrizes de João de Deus Ramos.

13 Rio de Janeiro.

de observação, de exame ponderado, de análise minuciosa. (A linda palavra de um educador, 1928, p.1).

Como no ano letivo de 1928-1929 o Bairro Escolar do Estoril ainda não estava construído, o colégio funcionou unicamente num edifício provisório, sob a direção de Maria Pamplona Ramos Corte Real de Oliveira. Deste modo, era essencial não só divulgar o projeto a construir, mas também visitar colégios brasileiros e conhecer educadores, que de alguma forma pudessem evidenciar a diferenciação pedagógica e ser uma fonte de inspiração.

Não dispondo do roteiro do trajeto exato percorrido por João de Deus Ramos, devido à falta de um diário de viagem, tentar-se-á reconstruir o percurso através dos prospetos dos colégios que visitou, através dos livros que lhe foram oferecidos e que têm dedicatórias manuscritas, através dos livros que comprou e através das notícias divulgadas na imprensa escrita. Com base nesses elementos, pensa-se que a viagem pedagógica tenha sido feita da seguinte maneira: chegada ao Rio de Janeiro a 17 de outubro onde permaneceu até ao dia 2 de novembro; de 4 a 11 de novembro participou na II Conferência Nacional de Educação realizada em Belo Horizonte; de 13 a 30 de novembro esteve em São Paulo e de 1 a 10 de dezembro esteve novamente no Rio de Janeiro. Todos estes elementos se encontram no Museu João de Deus, pois os livros trazidos por João de Deus Ramos foram incorporados nessa coleção bibliográfica. Pelo contrário, quase não existem fotografias que testemunhem esta viagem.

Desconhecendo a totalidade das instituições visitadas, sabe-se que no Rio de Janeiro se deslocou ao Centro Escolar D. Nuno Álvares Pereira, ao Colégio Anglo-Americano (em Botafogo) e ao Colégio Pedro II (em São Cristóvão) e em São Paulo visitou o Ginásio Asilo-Latino. Das instituições escolares que visitou, o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo foi seguramente uma das que lhe provocou um impacto mais positivo. Este liceu era dirigido por Ricardo Severo¹⁴ e tinha uma oficina de marcenaria, uma oficina de trabalhos artísticos em ferro, uma secção de pequenos trabalhos em madeira, uma oficina de entalhos em madeira, uma secção de lustres em bronze e em madeira, uma secção de fechaduras, uma oficina de funilaria e de decorações, uma oficina de encadernação e uma sala de desenhos e projetos. A qualidade dos cursos técnicos que este liceu oferecia impressionou muito João de Deus Ramos que se deslocou até ele, precisamente, para colher informação sobre como criar a sua Escola de Artes e Ofícios no Bairro Escolar do Estoril. Nesta ocasião foi-lhe oferecido um caderno de apontamento artesanal com a dedicatória “Ao Dr. João de Deus Ramos lembrança da vossa visita ao Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, em 29 de novembro de 1928. Ricardo Severo diretor”. Este caderno de folhas em branco foi feito pelos alunos do liceu e possui capa e contracapa com um desenho geométrico, recorrendo à técnica de incrustação de várias maneiras de diferentes cores, nervuras e veios, criando uma composição estética de elevada beleza.

14 Ricardo Severo da Fonseca e Costa (Lisboa 1869 - São Paulo 1940), engenheiro, arqueólogo, arquiteto.

Em entrevista ao jornal *A Notícia* (1928, p. 1) João de Deus Ramos salientou o seu entusiasmo por “essa obra perfeita e modelar, orgulho do Brasil, que é o Liceu de Artes e Ofícios da Paulicéia, uma verdadeira fábrica de artífices que tem dado à indústria brasileira em várias das suas modalidades um esplendor inimitável”.

II CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

De 4 a 11 de novembro de 1928 realizou-se em Belo Horizonte a II Conferência Nacional de Educação da Associação Brasileira de Educação na qual João de Deus Ramos participou. Não obstante o seu nome não vir mencionado na lista de participantes¹⁵, é certo que assistiu aos trabalhos, pois há evidências que nos apontam nesse sentido. Uma delas é-nos transmitida através do jornal *A Patria* (1928, p. 1) que diz que “o dr. João de Deus Ramos parte hoje para Belo Horizonte onde vai assistir ao II Congresso de Educação que ali se realiza, a fim de colher impressões e conhecimentos na especialidade”, sendo segundo as suas palavras “uma oportunidade feliz” e outra através do jornal *O Oriente* (1928, p. 1) que após o seu regresso diz “tomou ele parte saliente da recente Conferência Internacional (sic) de Educação realizada em Belo Horizonte”. Serve igualmente de prova a dedicatória manuscrita “Ao Ilustre Congressista Dr. João de Deus Ramos oferece Branca de Carvalho Vasconcelos, Belo Horizonte, em 6-11-28. (2ª Conferência Nacional de Educação)” no *Cancioneiro escolar*, volume Iº. Também lhe foi oferecido o 2º volume deste cancionário, porém não apresenta nenhuma dedicatória escrita. Igualmente no primeiro volume de dois da obra *Hymnario escolar* se encontra idêntica dedicatória “Ao ilustre congressista, Dr. João de Deus Ramos (2º Conferência Nacional de Educação) oferece Branca de Carvalho Vasconcelos. Belo Horizonte 6-11-28”.

As canções e hinos das mencionadas obras foram coligidas, coordenadas e adaptadas por Branca de Carvalho Vasconcelos¹⁶ e por Arduíno Bolívar¹⁷, respetivamente professora e diretor da Escola Normal Modelo de Belo Horizonte, escola visitada pelos participantes da conferência na manhã do dia 5 de novembro.

É relevante salientar que ambos os volumes de o *Cancioneiro escolar* foram posteriormente usados em contexto escolar no Jardim-Escola João de Deus de Lisboa¹⁸. Per-

15 Páginas da história: notícias da II Conferência Nacional de Educação da ABE. Belo Horizonte, 4 a 11 de novembro de 1928 / Arlette Pinto de Oliveira e Silva, Organizadora. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2004.

16 Branca de Carvalho Vasconcelos, pianista e professora de música.

17 Arduíno Fontes Malaquias Bolívar (Viçosa, 21-9-1873 - Belo Horizonte, 16-8-1952), lecionou na Escola Normal Modelo de Belo Horizonte a partir de 1922 e em 1926 tornou-se o diretor da referida escola.

18 Situado na Avenida Álvares Cabral, nº69.

cebe-se isso porque as obras têm visíveis sinais de uso¹⁹, encontrando-se as lombadas descosidas, apresentam algumas folhas soltas e com pequenos rasgões ou lacunas nos cantos, e têm marginália, assinalando com uma cruz as canções escolhidas para as crianças cantarem. Nota-se que a escolha das canções foi criteriosa. No 1º volume as canções escolhidas foram as seguintes: Cantemos, Soldadinhos, Minha terra, Tamborzinho, Minha terra tem palmeiras, Os passarinhos, Marcha, soldado!, Saudades do sertão, Noites de São João, Ao crepúsculo, Cantai, crianças!, Eu nasci além dos mares..., e À escola. Enquanto que no 2º volume as canções escolhidas foram as seguintes: O que diz o clarim, A nossa bandeira, O futuro oficial, Onda vem, onda vai..., Canção da laranjeira, O alfabeto, Marcha (ida para o recreio), A despedida, A Sertaneja, Seu Juca, Vai canoinha..., O verão, Canto de entrada, Mamãe, Meus olhos sabem ver, Os exames, A canção do pescador, Marcha infantil, Rufai tambor, A Gangorra, O papagaio, Os pescadores (barcarola), Vivo feliz, O arado, Canção da mocidade, O meu sertão, Canção escolar, Elegia e No galho de uma roseira. As melodias destas canções são simples e acessíveis a crianças de 5 ou 6 anos de idade e as letras são adequadas ao espírito infantil.

Analisando a composição musical das canções selecionadas para serem cantadas no Jardim-Escola, constata-se que as músicas eram adaptadas para voz e acompanhadas a piano. Muitas canções foram retiradas do cancioneiro popular brasileiro, mas outras apresentam letras e composições musicais originais, em ritmo de marcha, em alegro, em andamento de valsa, em tempo de *Schottisch*²⁰, em moderado mas resolutivo, em andante tranquilo, em andantino, em andante mosso, em andante cantabile e em moderato, revelando assim uma preocupação pela escolha de ritmos alegres e bem ritmados.

Também é possível apurar que parte das canções escolhidas se relaciona com a temática escolar, tais como, a ida para a escola, a ida para o recreio e a alegria de aprender. Por outro lado, um número significativo de canções escolhidas reflete a cultura brasileira, colocando as crianças portuguesas em contacto com a flora, com a fauna, com a corografia e com alguns aspetos etnográficos brasileiros. Portanto, neste caso concreto houve uma certa circulação transatlântica cultural do Brasil para Portugal.

Com efeito, e a título de exemplo, apresentam-se excertos do conteúdo lírico de algumas dessas canções de carácter nacional e patriótico brasileiro cantado por crianças portuguesas.

A NOSSA BANDEIRA

“Deixa beijar-te, bandeira; A brisa leda e gentil; Tu simbolizas, altiva; Nosso adorado Brasil. (...) Independência, República; Eis nossa história viril; Tu representas, sublime; toda a glória do Brasil”

19 O Cancioneiro Escolar, volume I e II foi oferecido ao Museu João de Deus pela diretora do Jardim-Escola João de Deus (Lisboa), Ana Maria Virtuoso, no dia 17 de janeiro de 2014.

20 124 batimentos por minuto, Alegro.

SAUDADES DO SERTÃO

“No meu sertão, onde eu corria livremente; sem a prisão ao meu viver, alegremente”.

Fig. 1 | Saudades do Sertão. Letra de Heitor Modesto. Música de Joubert de Carvalho.

127

- cen - dem cas - si - da - de; Quanta sau - da - de Dos tem - pos i - dos! - Das
flô - res - da cam - pi - na, Mei - ga bo - ni - na - Já eu fui, - A sor -
-rir - Com a - mor, - Eu já fui - U - ma flôrl -

No meu sertão, no meu sertão Onde eu nasci, No meu sertão, Longe d'aqui, Onde é só luz, No meu sertão, na vastidão Onde eu vivi, No meu sertão Onde eu sorri Aos céos azues!	As flores da campina Têm coloridos Da luz divina, Rescendem castidade; Quanta saudade Dos tempos idos! Das flores da campina, Meiga bonina Já eu fui, A sorrir Com amor, Eu já fui Uma flôr!	No meu sertão, tudo é feliz Desde o nascer, Tudo bem diz Nosso viver, Nosso porvir. No meu sertão, ninguém maldiz Nem ha soffrer, Tudo é feliz, Tudo é prazer Que faz sorrir. Do meu sertão, eu guardo sempre tal lembrança, Inda pareço lá viver e ser creança. } bis. As flores da campina, etc.
---	--	--

8950

(Fonte: Cancioneiro escolar, volume Iº, p. 127)

NOITES DE SÃO JOÃO

“Tenho orgulho em ter nascido, cá nestas Minas Gerais; Pois, a gente destas plagas, vive de nobre ideais”.

EU NASCI ALÉM DOS MARES...

“Não amo a terra do exílio; sou bom filho; quero a pátria, o meu país; quero a terra das mangueiras e as palmeiras, e as palmeiras tão gentis!”

SEU JUCA

Um trecho desta canção diz “Vou *cantá* as *maravia*, que eu vi no nosso dia, quando fui lá na cidade *passeá*; Eu fiquei *atrapaiado*, Fiquei mesmo apalermado, co’as *beleza* dessas *coisa* que vi lá”. A canção prossegue apresentando em itálico os vocábulos errados. Em nota de rodapé era dito que “O professor chamará a atenção para os erros, e em ocasião oportuna, ensinará qual a ortografia e a prosódia dos mesmos erros” (Cancioneiro escolar, volume II, p. 98).

É de chamar a atenção que no prefácio do 1º volume de *Cancioneiro escolar* vem escrito que “À maneira do que acontece na Suíça, precisamos levar aos meios escolares o segredo da felicidade pelo rebate da alegria” (p. I) e acrescenta “Para preservar as vozes dos alunos, deverá o professor mandar cantar ora em coro, ora em grupos isolados, ora a sós, intercalando instruções teóricas e fazendo pausas gerais” (p. IV). São muito curiosas estas duas observações, porque João de Deus Ramos, desde a criação do seu 1º Jardim-Escola João de Deus, estava seguro que um ambiente escolar alegre tinha um impacto positivo nas crianças. Além do mais “As crianças aprendiam a cantar em uníssono e em polifonia acompanhadas a harmónio, porque ele²¹ considerava que este instrumento tinha a vantagem de emitir um som que se aproximava ao da voz humana, tornando-se mais fácil o acompanhamento vocal infantil”. (Rodrigues, 2019, p. 217). Portanto, o *Cancioneiro escolar* esteve ao serviço do propósito educativo de João de Deus Ramos.

Como foi anteriormente mencionado, o Museu João de Deus tem na sua coleção livros trazidos por João de Deus Ramos do Brasil. Mas ao longo da seguinte década o Museu João de Deus continuou a receber obras, quer por oferta quer por intercâmbio, fruto dos contactos estabelecidos por João de Deus Ramos durante a sua viagem pedagógica no Brasil, provando que foi uma viagem proveitosa.

Um dos livros recebidos que maior impacto teve no ensino das crianças do Jardim-Escola João de Deus (Lisboa) foi *Jogos infantis: guia e coletânea*, oferecido pelo Departamento de Educação, sediado no Rio de Janeiro, em 1934, cujo Diretor Geral do Departamento de Educação do Distrito Federal era Anísio Spínola Teixeira²². As páginas desta obra têm assinaladas com uma cruz os jogos selecionados para serem executados pelas crianças durante o intervalo das aulas, podendo ser executados no recreio (ao ar livre) ou no salão (no interior do Jardim-Escola).

Os jogos assinalados dentro da secção de Jogos de Campo são os seguintes:

21 João de Deus Ramos (1878-1953).

22 Anísio Spínola Teixeira é considerado o implementador da escola pública e signatário do movimento da Escola Nova no Brasil.

Jogos de bola: Rolar no círculo; Devolver a bola; Bola ao túnel.

Jogos de correr: Corra “seu” urso; Esquilo sai da toca; Gato e rato; Pega-pega; Estátuas; Cadeira; Viu meu carneiro?; Gatos e ratos; Passagem da pedrinha; Cachorro e coelhos; Raposa e frangos; Veado quer fugir; Frade; Lebre e caçador; Jogo dos peixes; Roda de lenço.

Corrida de estafetas. Variantes: Corrida de automóvel; Corrida de batatas; Corrida em círculo.

Jogos de pular: Corrida num só pé; Atravessando o regato; O lobo e os pintinhos.

Jogos de esconder: Pique.

Enquanto que os jogos assinalados dentro da secção de Jogos de Salão são os seguintes:

Jogos dos sentidos: Cabra-cega; Cachorro e osso; Bom dia.

Jogos de observação: A moeda; Mãos ao alto.

Jogos de memória: Quando meu vapor chegar; Barquinho.

Jogos de controle: Veneno.

Jogos de correr: Esquilo e a noz; Batata quente.

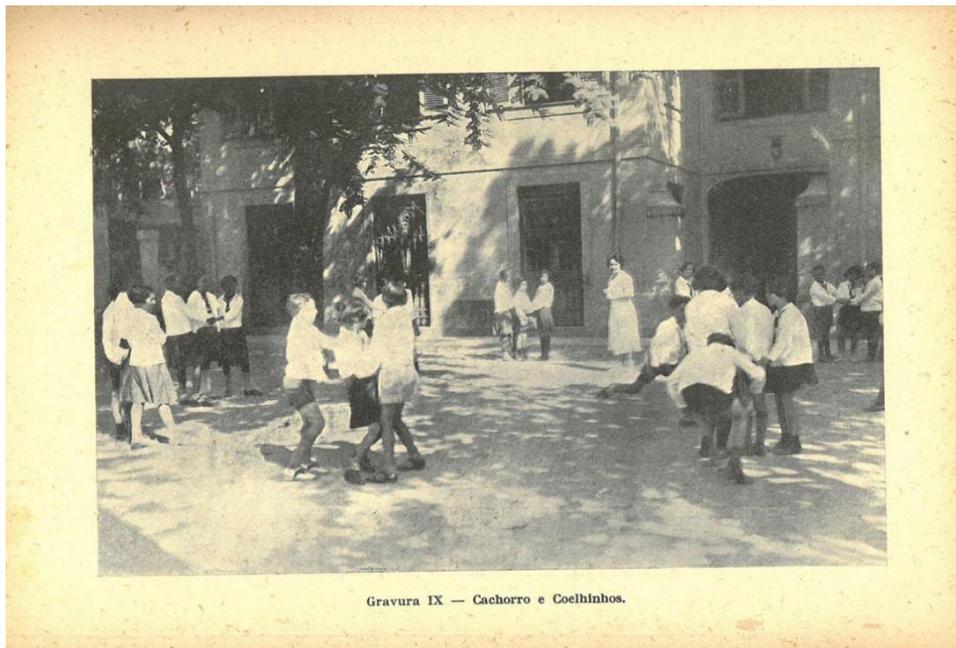
Jogos de esconder: Chicote queimado.

Foram excluídos pelas professoras do Jardim-Escola João de Deus (Lisboa) todos os jogos com recurso ao uso de bola que implicassem puxar, atirar, empurrar, arremessar ou chutar. De igual modo preteriram todos os jogos em que fosse necessário formar equipas, como por exemplo, voleibol e futebol, e ainda todos os jogos que tivessem regras complexas e penalidades.

No prefácio de *Jogos infantis: guia e coletânea* (p. 14) vem mencionado que “Em todos os jogos, atividades e experiências a criança se educa, aumenta a sua capacidade de ação: facilita e controla os movimentos, enquanto o espírito de observação, a atenção, os sentidos, o raciocínio são conjuntamente solicitados pelo próprio indivíduo que pratica a atividade”. Esta ideia terá ressoado no espírito de João de Deus Ramos que a esse propósito disse, no Boletim da Casa das Beiras (1943, p. 13) “a realidade visível, incontestável, é que nenhuma criança, com saúde, pode estar quieta. Exige-o o seu crescimento físico e também a natural inquietação dos sentidos que tudo buscam ver e palpar”.

Em virtude de não haver registo que houvesse uma preocupação especial com o exercício físico durante as duas primeiras décadas de existência dos Jardins-Escolas, este livro reveste-se de um valor inestimável, porque nos dá indicações precisas sobre os jogos de movimento executados, tanto no recreio como no salão, no Jardim-Escola João de Deus (Lisboa). Observando as fotografias de jogos educativos deste Jardim-Escola e comparando-as com a descrição das propostas de jogos feita em *Jogos infantis: guia e coletânea* conseguiu-se, por fim, identificar o nome do jogo e saber as suas regras.

Fig. 2 | Gravura IX: Cachorro e coelhinhos



(Fonte: Jogos infantis: guia e coletânea, p. 83)

Fig. 3 | Jogo ao ar livre: Cachorro e coelhinhos



(Fonte: Museu João de Deus, FP220.14)

Também foi possível verificar através de fotografias tiradas ao ar livre, em contexto de recreio, que crianças dos restantes Jardins-Escolas João de Deus brincavam aos mesmos jogos. Portanto, *Jogos infantis: guia e coletânea* permite conhecer práticas educativas desta rede de Jardins-Escolas. Finalmente, é possível compreender e interpretar as fotografias de modo completo.

Outro exemplo de obra brasileira existente no Museu João de Deus é o *Prospecto do Colégio Isabella Hendrix* que terá sido oferecido a João de Deus Ramos por Lela Putnam, diretora do colégio, que se fazendo acompanhar das professoras Noémia Andrade e Alaíde Carneiro assistiram à II Conferência Nacional de Educação. Esta instituição escolar situada na Rua do Espírito Santo, nº605, em Belo Horizonte, era um colégio que funcionava em regime de internato para meninas e em regime de externato para meninos, fundado pelo Concílio Missionário de Senhoras da Igreja Metodista do Sul, dos Estados Unidos da América. A educação das jovens, segundo informação contida no *Prospecto do Colégio Isabella Hendrix* [p. 8] era alcançada da seguinte forma: “Por meio de uma disciplina ativa procuram-se desenvolver, nas alunas, as qualidades essenciais para a vida, quais sejam a firmeza de caráter, a coragem, a dedicação, o altruísmo; e despertar-lhes o espírito de iniciativa, de confiança própria e de solidariedade”. O colégio ensinava trabalhos domésticos, sem descuidar o exercício físico, que era praticado através dos jogos desportivos de Voleibol, Basquetebol, Basebol, Captainbol e Tênis. O ensino fundava-se no método intuitivo e nos preceitos da moral cristã.

Por outro lado, o *Prospecto do Colégio Bennett*²³ refere-se a um colégio situado na Rua Marquês de Abrantes, nº55, em Botafogo, no Rio de Janeiro, inaugurado a 1 de março de 1921. Tratava-se de mais um colégio fundado pela Igreja Metodista do Sul, dos Estados Unidos da América, composto por quatro edifícios e que funcionava em regime de internato, semi-internato e externato.

É legítimo pensar que as frases do regulamento interno deste colégio, assinaladas por João de Deus Ramos, tenham alguma relação com as condições regulamentares para a admissão de alunos internos e externos que veio a redigir para o Bairro Escolar do Estoril. As frases assinaladas em *Prospecto do Colégio Bennett* são as seguintes: “Não há jardim da infância. Só se admitem alunos maiores de 6 anos” (p. 23); “Os fornecimentos de livros e demais material escolar só serão feitos mediante um depósito realizado no princípio do semestre ou pagamento à vista. Este depósito será de 40\$000 para o Curso primário e de 100\$000 para os outros” (p. 30); “Não haverá abatimento em virtude de faltas” (p. 30); “Quando por motivo de força maior as alunas estiverem ausentes na época de exames, dar-se-ão exames especiais à razão de 5\$000 cada um” (p. 30); “O pagamento da matrícula deve ser feito antes da abertura das aulas, nos dias marcados para isso, afim de serem reservados os lugares. Nenhum lugar no internato será reservado depois do dia primeiro de cada semestre, exceto havendo combinação especial” (p. 30); “A retirada duma aluna, por exclusão ou qualquer outro motivo, não dá direito à restituição da importância paga” (p. 30).

Por seu turno, o folheto *Programas de ensino do colégio Pedro II para o ano de 1927* terá sido oferecido por Fernando Raja Gabaglia, Filadelfo Azevedo e Delgado de Carvalho

23 Sucessor do Colégio Americano, em Petrópolis.

que marcaram presença na II Conferência Nacional de Educação. Este colégio, fundado em 1837, ainda se encontra em funcionamento.

Intercalando os trabalhos orais apresentados durante a II Conferência Nacional de Educação os participantes visitaram várias instituições escolares de Belo Horizonte, nomeadamente o Grupo Escolar D. Pedro II, a Escola Normal e a Escola Maternal. Para além disso foram de excursão ao Morro Velho e a Sabará, assistiram a um concerto de música clássica realizado no Palácio da Liberdade e recrearam num chá dançante realizado na Escola Maternal.

Continuando a analisar o programa da II Conferência Nacional de Educação constata-se que Manuel Bergström Lourenço Filho²⁴, professor dedicado ao Ensino Normal, Técnico e Profissional, proferiu a comunicação intitulada “Há uma vocação para o magistério?”. Do mesmo modo se verifica que este professor paulista prefaciou o manual escolar *João pergunta: livro de leitura destinado às crianças do nordeste brasileiro*, da autoria do educador e antigo Inspetor Escolar no Estado do Ceará, Newton Craveiro. Este manual de leitura, que serviu a reforma do ensino do Estado do Ceará, pretendia levar a criança a compreender e a se adaptar ao seu meio físico e social. Ora, não só o Museu João de Deus possui um exemplar deste manual escolar, como também de vários outros manuais escolares da editora Companhia Melhoramentos. Como se explica que haja manuais escolares brasileiros numa biblioteca portuguesa? A situação torna-se mais compreensível sabendo que em 1925 Manuel Bergström Lourenço Filho assumiu a função de consultor editorial da Companhia Melhoramentos “emitindo pareceres sobre originais didáticos e para a infância. Ao longo de algumas décadas viria a emitir quase 30.000 pareceres” (Donato, 1990, p. 82). Portanto, é muito provável que João de Deus Ramos ao conversar com Lourenço Filho, este último lhe tenha oferecido os manuais escolares ou, pelo menos, lhe tenha falado deles, a fim de despertar o interesse do seu interlocutor, que quando teve possibilidade os comprou. Também é possível que, sendo Lourenço Filho um importante educador brasileiro da Escola Nova, e uma vez que as suas obras eram conhecidas em Portugal, João de Deus Ramos tenha já partido de Portugal com a intenção de as comprar para o Museu João de Deus.

Indicando outros manuais escolares trazidos por João de Deus Ramos temos o 1º, 2º e 3º *livro de leitura* da autoria de António Firmino de Proença; a *Cartilha Proença e Brasil, minha terra! : leituras cívicas* da autoria Mário Sette (professor do Colégio Normal Santa Margarida e do Instituto Carneiro Leão, de Pernambuco); *Leitura I, II e III* da autoria de Erasmo Braga; *Vida higienica! : história, em figuras, de duas crianças que nunca ficaram doentes* da autoria de Pedro Deodato de Moraes; *O livro de Elza : notas de uma aluna do 4º ano do grupo escolar* e *O livro de Ildeu : quarto ano* da autoria de João Lúcio (da Academia Mineira de Letras).

24 Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970), membro da Conferência Nacional de Educação..

Além disso despertou-lhe a curiosidade o *Regulamento do ensino primário de Minas Gerais: aprovado pelo decreto nº 7.970 de 15 de outubro de 1927* da autoria de António Carlos Ribeiro de Andrada e Francisco Luiz da Silva Campos. As folhas 85, 125, 157 e 188 têm assinaladas partes do texto com interesse, correspondente ao artigo 173º relacionado com as verbas que a Secretaria de Finanças daria anualmente a cada grupo escolar, os artigos 316º e 317º relacionados com a obrigatoriedade que os professores tinham de preparar as suas aulas, de disponibilizarem os resumos das lições ao diretor da escola e de trimestralmente visitarem outras classes do estabelecimento de ensino, ficando a sua classe nesse dia entregue a um estagiário. No capítulo II, dedicado aos deveres dos professores, foi assinalado o artigo 11º que diz “observar o dia de leitura, às quintas-feiras, reunindo-se na biblioteca do grupo ou na sala que for designada, dedicando, no mínimo, duas horas a leituras, particularmente relativas a métodos de ensino, e outras matérias indispensáveis à cultura magistral” (p. 157). No capítulo VII, sobre as faltas dos professores, artigo 547, João de Deus Ramos assinalou o seguinte: “Malquitar-se, por aspereza ou indelicadeza no trato social, dentro do estabelecimento, com outros docentes ou com o diretor, incompatibilizar-se na localidade com os pais dos alunos, de modo a prejudicar a frequência escolar; reincidir em alguma das faltas pelas quais tenha sido suspenso. Pena: remoção” (p. 188). Perante isto, levanta-se a hipótese de todos os artigos assinalados terem servido de inspiração a João de Deus Ramos no momento de criar as regras de conduta e de prática educativa para as professoras dos seus Jardins-Escolas João de Deus, já que também elas se regiam por regras semelhantes, ou seja, tinham de atuar de forma exemplar, tinham de preparar as aulas e de prestar contas a João de Deus Ramos sobre as matérias que abordavam nas aulas.

Não podendo ser exaustivos na descrição de todas as obras trazidas por João de Deus Ramos²⁵, mencionamos ainda algumas que nos parecem ser significativas: *1º Congresso brasileiro de proteção à infância : teses oficiais, memórias e conclusões*, organizado pelo Departamento da Criança no Brasil, realizado de 27 de agosto a 5 de setembro de 1922; *O máximo problema : da educação popular* com dedicatória manuscrita do autor Francisco Prado a João de Deus Ramos; *Cousas do ensino : a propósito da reunião do 2º Congresso brasileiro de instrução primária e secundária* de José Botelho Reis; *Cartas para uso dos meninos que frequentam as escolas* da autoria de Joaquim António de Castro Nunes; *O ensino na capital do Brasil* da autoria do Diretor Geral de Instrução António Carneiro Leão, obra publicada no Rio de Janeiro em 1926; *Relações entre o lar, o médico e a escola* do engenheiro Lourenço Baeta Neves, que no ano em que escreveu esta obra²⁶, dirigia a Comissão de Melhoramentos Municipais do Estado de Minas Gerais.

25 O catálogo do Museu João de Deus pode ser consultado online através do enlace: <http://bibliopac.esejdeus.edu.pt/Opac/Pages/Search/AdvancedSearch.aspx>

26 1912.

É de realçar que quase a totalidade das obras mencionadas foram impressas entre 1926 e 1928, constituindo, por conseguinte, uma bibliografia bastante atualizada em relação às temáticas educativas.

Como João de Deus Ramos apreciava sobejamente o estilo poético também procurou encontrar-se com poetas brasileiros, entre eles, Mário Magalhães que lhe ofereceu *Naturama*²⁷, e Osvaldo Paixão, que lhe ofereceu *Cartas contemporâneas: psicologia e crítica* com uma dedicatória escrita no Rio de Janeiro, a 12 de novembro de 1928.

Concluindo, acrescenta-se que Fernando de Magalhães, médico obstetra, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, membro da Academia Brasileira de Letras e membro da Comissão Executiva da Associação Brasileira de Educação, participou na II Conferência Nacional de Educação, onde comunicou uma tese sobre Educação Sexual. De regresso ao Rio de Janeiro, João de Deus Ramos fez-se acompanhar não só de Fernando de Magalhães, mas também de outros oito anfitriões que em grupo visitaram o Corcovado (Paineiras) a 9 de dezembro.

Fig. 4 | [João de Deus Ramos e anfitriões no Rio de Janeiro]



(Fonte: Museu João de Deus, FP51.11)

CONFERÊNCIAS

Uma vez de regresso ao Rio de Janeiro, João de Deus Ramos preparou-se para realizar uma conferência no Real Gabinete Português de Leitura intitulada “A diferenciação da poética Portuguesa e Brasileira”, realizada na noite do dia 1 de dezembro.

Para uma conferência de estudo comparativo, que pretendo realizar, em breves dias, no Rio, escolhi três poetas mortos – Antero de Quental, João

²⁷ Com dedicatória escrita no Recife a 12 de outubro de 1928.

de Deus e Olavo Bilac. A outra conferência, que me propus fazer, é de ordem técnica, de caráter pedagógico, de pesquisas e generalizações sobre o ensino público. Em um e outro trabalho, louvarei com o mesmo carinho as duas pátrias, como que unindo os seus patrimônios espirituais, apesar da distância e logrando o milagre de aproximá-las, mais uma vez, através do Atlântico. (A linda palavra de um educador, 1928, p.1).

Por outro lado, a conferência de caráter pedagógico fê-la em São Paulo, após ter visitado colégios, escolas, institutos e academias brasileiras e de ter tirado as suas conclusões, conforme descrito em *O Oriente* (30 de outubro, p. 1) “e ainda na sua faina meritória acaba de fazer em São Paulo uma conferência sobre assuntos pedagógicos”. Mas foi ao repórter de *O Jornal* (26 outubro, p. 1) que detalhou que se preparou para a conferência em Portugal e “Tenho é claro, forte documentação do que observei em meu país trazendo para isso “filme”²⁸ e projeções para ilustração da palestra”. E acrescenta

Entre outras ideias de caráter reformador em matéria de ensino, devo tornar público um projeto que idealizei para resolver o problema da instrução e educação em comum. No Estoril cobrindo três ou quatro hectares de terra, serão, em breve, iniciados os trabalhos para instalação de um educandário que evite os inconvenientes bem conhecidos do internato e, sobretudo, que tire à escola o impressionante aspeto hospitalar que tão grandes prejuízos traz nos espíritos em formação (As conferências do Dr. João de Deus Ramos, 1928, p. 1).

Parece oportuno destacar que é através da imprensa brasileira do Rio de Janeiro, nomeadamente através do *Jornal Português* (8 de dezembro, p. 1) que se tem acesso ao projeto provisório do Bairro Escolar do Estoril, tendo sido ele concebido por João de Deus Ramos em agosto de 1928 e que ele esperava ver concluído no prazo de dois anos:

(...) pois me limitei antes da viagem ao Brasil, a proceder à escolha do local do colégio e a traçar as linhas gerais da sua organização e funcionamento, sob a base dum projeto da minha autoria, de cuja planta arquitetónica - fornecidos os elementos indispensáveis - encarreguei pouco depois ao grande artista arquiteto Raul Lino (Em Era uma vez um colégio..., 1936, p. 20).

Analisando o projeto provisório verifica-se que ele se diferencia substancialmente do projeto final. Nesse esboço perspético tanto os edifícios escolares como as residências dos alunos se dispunham em arruamentos curvilíneos que desembocavam numa grande avenida central. Antecedendo todos esses edifícios escolares encontravam-se os campos de jogos para a prática de desportos coletivos, que numa bifurcação, também eles, se uniam à avenida central. Apesar de nesse projeto provisório não vir descrita a função de

28 Desconhece-se o teor do filme, mas tudo aponta para que fosse sobre o funcionamento dos Jardins-Escolas João de Deus, assim como as suas práticas educativas.

cada edifício sabe-se que o Bairro Escolar do Estoril contemplaria “campo de jogos, bibliotecas, salas de leituras, salões de festas, de projeções e audições, um vasto restaurante comercial e até a sua capela para o culto dos alunos religiosos, etc., etc” (O Bairro Escolar do Estoril: grandioso projeto de iniciativa do dr. João de Deus Ramos, 1928, p. 1). O projeto era moderno e criaria uma atmosfera de bem-estar entre os alunos. A colónia portuguesa do Rio de Janeiro, entusiasmada com a ideia, “poderia estabelecer aqui um estabelecimento similar” (Idem, p. 2). Segundo Figueira (2004, p. 212) “Os cuidados com a qualidade da educação ministrada, os métodos práticos de ensino e o respeito pelos valores morais dos alunos, constituíam referências na organização pedagógica do Colégio” que se inseria no movimento da Escola Nova cujos princípios orientadores “constituíram um *saber pedagógico* de que resultaram novas práticas que se diziam científicas, assim como a difusão de *saberes* e de *saber-fazer* em relação à criança e ao ato pedagógico” (Idem, p. 33).

Fig. 5 | Esboço perspético do Bairro Escolar do Estoril



(Fonte: O Jornal, 1928, 26 outubro, p. 1)

Ora, o projeto definitivo, datado de maio de 1929, apresenta um edifício escolar central destinado a acolher a Escola Secundária, ladeado de outros edifícios de menores dimensões, que teriam a função de Escola Primária e de Escola de Artes e Ofícios. As resi-

dências dos alunos estavam dispostas em círculo, com as fachadas viradas para um amplo terreno interno que se destinaria servir de Campo de Jogos. Este projeto inclui ainda um Pavilhão de Festas / Ginásio, um Pavilhão de Isolamento / Enfermaria e uma Capela.

Perante tão radical mudança, coloca-se a seguinte questão: Em que medida a viagem ao Brasil terá contribuído para que João de Deus Ramos sugerisse essas alterações ao projeto arquitetónico de Raúl Lino? É que eles são diametralmente opostos em termos conceptuais. Enquanto o primeiro tem a configuração de um rio com afluentes ou de uma árvore com ramificações, onde o corpo docente e alunos têm a percepção de viverem em arruamentos duma cidade ou vila, o segundo é totalmente fechado sobre si mesmo, criando um corpo coeso, com sentido gregário e comunitário. É legítimo pensar que terá sido a viagem pedagógica ao Brasil a operar estas mudanças conceptuais que estão plasmadas na planta definitiva do Bairro Escolar do Estoril.

Fig. 6 | Bairro Escolar do Estoril: Prospeto



(Fonte: Museu João de Deus, R. 8646)

Comparando ainda o projeto provisório com o de outros colégios do movimento da Escola Nova, que inspiraram João de Deus Ramos, verifica-se que ele é semelhante ao *da École des Roches*, *La Châtaigneraie* e *Bedales School*. Todos esses colégios apresentam um *campus* com um edifício central e as restantes edificações escolares dispersas pelo campo, circundadas de vegetação, sendo o acesso aos edifícios feito por arruamentos.

O professor João Soares, em entrevista ao *Jornal Português* (8 de dezembro, p. 1) explica que o Bairro Escolar do Estoril seria uma organização modelar de ensino a estabelecer no Estoril “sob os moldes mais modernos colhidos no respetivo meio, nos principais países da Europa”. Portanto, mais uma evidência de que João de Deus Ramos, inicialmente

se inspirou nos colégios que visitou na Europa, mas após o que observou, ouviu e aprendeu no Brasil terá mudado radicalmente de ideia quanto à disposição dos edifícios escolares.

Tal como era prática corrente na Educação Nova

“Entre as atividades não-letivas ou ditas *circum*-escolares praticadas no colégio inseriu-se a edição do jornal *O Eco*, mais tarde substituído por *O Jornal do Bairro do Estoril*, órgão que visava a divulgar informação sobre a vida da instituição e, ao mesmo tempo, dar à estampa textos inéditos dos alunos”. (Barreto, 2011, p.393)

Devido a problemas financeiros e “divergências com um dos sócios, João Soares e, mais tarde com Negrão Buizel, este já na qualidade de sócio e professor, que veio a ser protagonista de vários conflitos” (Barreto, 2011, p.393) amplamente explanados em *Era uma vez um colégio...: história pregressa do Bairro Escolar do Estoril: gerência e contas de setembro de 1928 a janeiro de 1936*, João de Deus Ramos abandonou a direção do Bairro Escolar do Estoril em 3 de janeiro de 1936, cessando a sua quota do Bairro Escolar do Estoril, Lda, sem que a construção deste colégio estivesse concluída. Durante os anos letivos de 1928-1929 a 1935-1936 o colégio funcionou unicamente com a oferta da instrução primária e do ensino secundário. Por conseguinte, não foi possível comprovar na prática a mais valia do projeto arquitetónico e o alcance deste ambicioso projeto educativo.

O ANALFABETISMO DOS EMIGRANTES PORTUGUESES NO BRASIL

O problema da iliteracia costumava ser abordado pelos periódicos portugueses durante as primeiras décadas do século XX. Com alguma regularidade os jornais noticiavam a partida de emigrantes analfabetos para as Ilhas Sandwich, para os Estados Unidos da América, nomeadamente para os estados de Massachusetts e Califórnia. Segundo Baganha (1994, p. 961) “O emigrante português típico para os Estados Unidos era do sexo masculino, solteiro, tinha entre 16 e 29 anos de idade e não possuía qualquer qualificação específica” e acrescenta “Não conhecemos com o mesmo rigor a composição sócio-demográfica do fluxo migratório para o Brasil, para onde se dirigiam neste período aproximadamente três quartos da corrente” (Idem). Portanto, a situação da emigração não era desconhecida de João de Deus Ramos. No entanto, foi a partir da observação direta do problema português no Brasil que ele se interessou pela questão o que o levou a sugerir a fundação de escolas móveis para emigrantes à semelhança das extintas missões de alfabetização organizadas pela Associação de Escolas Móveis pelo Método João de Deus²⁹. Segundo o pensamento de Pereira

²⁹ Missões de alfabetização iniciadas em 1882 e com o seu término em 1921. Este tema é desenvolvido minuciosamente no terceiro capítulo da tese de doutoramento *História de um paradigma: o método João de Deus e as escolas móveis* da autoria de Isolina Pereira.

As suas intenções eram claras - diminuir a elevada taxa de analfabetismo que se fazia sentir no país, e permitir à maioria dos portugueses exercer o direito de voto, procurando assim formar bons republicanos. A experiência da Associação das Escolas Moveis 'vale por si' e como tal, pode ajudar-nos a repensar um futuro por nós desejado, no que diz respeito à educação (Pereira, 1998, p. 27).

Neste sentido, João de Deus Ramos propunha que

Quem pretendesse emigrar e fosse analfabeto, teria assim, um meio de aprender a ler, a escrever e contar, adquirindo complementarmente noções de geografia e história do país a que se destinasse. Poderiam receber também informações muito úteis sobre o provável aproveitamento das respetivas aptidões profissionais, partindo com maior segurança de êxito. O abandono do emigrante tal como está, é que não pode continuar. (A emigração para o Brasil, 1928, p.2)

Como esta proposta era de difícil execução, não se colheram os almejados benefícios.

UMA BIBLIOTECA PORTUGUESA

Sendo o Brasil, em 1928, um país soberano há pouco mais de um século, era normal que buscasse ter uma identidade e cultura próprias. No entanto, devido ao facto de Portugal partilhar um passado comum com o Brasil, João de Deus Ramos considerava útil que aí se mantivesse o espírito português. Para alcançar esse fim elaborou um plano que incluía “a existência duma livraria portuguesa com sucursais nos diversos Estados brasileiros e que tivesse, da parte do nosso governo³⁰, vantagens compensadoras, como a de receber gratuitamente uma certa quantidade de todas as obras que se publicassem em Portugal” (A tradição portuguesa na cultura brasileira, 1929, p. 1). E acrescentou que

Seria um privilégio semelhante àquele que usufruem as bibliotecas nacionais³¹, para garantir que todas as obras portuguesas fossem lidas e divulgadas no Brasil. As remessas futuras, para as quais a livraria portuguesa se obrigaria sempre à taxa determinada pelo autor e pelo editor, nunca seriam inferiores à primeira remessa gratuita. (Idem)

Esta ideia, que poderia vir a ter um largo alcance, talvez tenha sido acarinhada na mente de João de Deus Ramos, não só por desejar ver divulgada a cultura portuguesa, mas também por influência de João de Barros, que de 1915 a 1919 dirigiu conjuntamente

30 Governo brasileiro.

31 As bibliotecas nacionais recebem obras através do depósito legal.

com João do Rio³² e com Graça Aranha a revista mensal *Atlantida* e era um entusiasta da aproximação luso-brasileira. A sua estreita e duradora amizade com João de Barros fazia com que se mantivesse atualizado em relação à produção poética brasileira e é de supor que ele lhe tenha indicado nomes e contactos de poetas brasileiros para que João de Deus Ramos os viesse a conhecer pessoalmente durante a sua viagem pedagógica.

A percepção de que os dois países não se davam a conhecer o suficiente expressou-a João de Barros no primeiro número da revista *Atlantida*, onde escreveu que após a sua viagem ao Brasil³³ ficou com “a impressão de que Portugal não se fazia conhecer como devia; e que o Brasil se magoava por não encontrar em Portugal aquele conhecimento e apreço que merece o seu admirável surto de progresso, o seu prodigioso desenvolvimento material e intelectual” (p. 7).

Uma vez que há uma língua que une dois povos, ainda mais fazia sentido esse intercâmbio literário. Ao *Jornal do Brasil*, de 19 de outubro de 1928, João de Deus Ramos afirmou que “O Brasil, Portugal, e as demais nações latinas são ramos da mesma árvore, vivendo da mesma seiva, de origem remota - a civilização mediterrânica” (p. 6) e continuou elaborando o seu pensamento “O Brasil procurando manter inteligentemente a uniformidade da língua portuguesa, tem nesse meio a melhor garantia da unidade nacional” (Idem).

Consequentemente, a proposta de João de Deus Ramos enquadra-se no contexto de tentar acabar com essa lacuna de conhecimento literário existente entre as duas nações e de criar coesão nacional entre o povo brasileiro através da língua.

CONCLUSÃO

O regresso a Portugal foi feito no dia 10 de dezembro de 1928, a bordo do paquete transatlântico *Lutetia*, tendo chegado a Lisboa cerca do dia 20 de janeiro de 1929.

Cândido Torres Rangel de Campos, diretor do jornal *A Notícia*, foi uma das muitas amizades que João de Deus Ramos fez no Brasil. Em abril de 1929, quando ele veio numa curta estância a Lisboa, teve oportunidade de visitar o Museu João de Deus e o edifício contíguo, o Jardim-Escola João de Deus. Esta visita foi descrita por João de Barros num artigo publicado no jornal *A Notícia* na qual afirma que

com a sua aguda e fina observação, Cândido de Campos viu imediatamente um dos aspetos, ou antes, a característica essencial dos ‘Jardins-Escolas’: o seu extremo e voluntário ‘portuguesismo’. Quero dizer: - o cuidado que houve em dar-lhe feição nacional, sem contudo pôr de lado as lições do estrangeiro (Uma escola de amanhã, 1929, p.1).

32 Pseudónimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881-1921).

33 Em 1912.

E acrescenta:

Verdadeiramente, não é bem a tradição - pois que em pedagogia não há tradições que possam vencer a marcha para o futuro - não é bem a tradição, mas o respeito pelo ambiente, pelos costumes, pela psicologia e pela vindoura evolução do aluno dentro do seu país que presidem a orientação do ensino nos “Jardins-Escolas” (Idem).

Esta exaltação dos Jardins-Escolas escutaram também os muitos portugueses radicados no Brasil com quem João de Deus Ramos estreitou amizade, como por exemplo o poeta João Maria da Silva Lebre e Lima, José Júlio Pereira de Moraes (1º Visconde de Moraes), o embaixador Duarte Leite Pereira da Silva, o cônsul Carlos de Almeida Fonseca Sampaio Garrido e José de Almeida Carvalhais.

Como afirma Gomes (1977, p. 50) “Na primeira década do século XX, a história da educação infantil é assinalada por um facto relevante: a criação dos Jardins-Escolas João de Deus”. Foi este modelo que João de Deus Ramos deu a conhecer no Brasil e de lá colheu influências.

O *Diario de Lisboa* de 22 de outubro de 1928 informa ainda que João de Deus Ramos “aproveita a sua estada no Brasil a fim de colher elementos para um livro sobre a cultura brasileira nas suas relações com a cultura portuguesa” (p. 1). No dia seguinte declara ao jornal *A Noite* que:

Estou convencido que cada povo tem de ter a sua cultura diferenciada e lhe cumpre sistematizá-la, na maneira própria, com elementos autónomos. E essa convicção despertou-me o interesse de conhecer os tipos escolares do Brasil – pela comparação detida de sistemas que terão muitas afinidades, mas que também devem possuir variantes expressivas, conforme as forças morais e naturais que atuam sobre elas. A diferenciação estará exemplificada em livros e processos de ensino, e ainda no ambiente escolar. Tantas circunstâncias influem nessa diversidade! (A linda palavra de um educador, 1928, p.1).

O seu desejo de publicar um livro foi reforçado pelo *O Jornal*, de 26 de outubro de 1928 ao qual João de Deus Ramos disse “Aqui venho, forçado pela necessidade de percorrer as escolas brasileiras, estudar-lhes os métodos e os processos e, com o cabedal de conhecimento que já possuo da mentalidade escolar do meu país, escrever obra que interesse os estudantes de Portugal e Brasil” (p. 1) e pelo *O Seculo*, a 28 de dezembro de 1928, ao noticiar que João de Deus Ramos “Foi ao Brasil estudar a diferenciação do espírito português e brasileiro e procurar ver o problema através da escola e da poesia” (p. 2). Porém, talvez por o projeto do Bairro Escolar do Estoril lhe absorver bastante tempo, nunca chegou a publicar tal obra. Fica-se assim sem saber quais as suas reflexões sobre a diferenciação entre Portugal e o Brasil. Não obstante, não se pode afirmar que a viagem pedagógica

não tenha sido proveitosa, pois o seu principal objetivo de se dedicar “ao estudo do nosso movimento educativo” (*O Oriente*, 30 de outubro, p. 1) foi alcançado, ainda que ele não se tenha materializado em livro.

Conclui-se que a viagem pedagógica ao Brasil foi transformadora e teve um impacto inesperado, pois até ao presente estudo desconheciam-se as suas repercussões nos projetos educativos de João de Deus Ramos. Esta análise vem abrir caminho a uma reflexão que poderá ser aprofundada com novos olhares sobre as fontes ou até mesmo com a descoberta de novas fontes documentais, sobretudo, em território brasileiro.

REFERÊNCIAS

BAGANHA, Maria Ioannis B. **As correntes emigratórias portuguesas no século XX e o seu impacto na economia nacional**. Em: *Análise Social*, p. 959-980, vol. XXIX (128), 1994 (4º).

BARRETO, Graziela. **Em nome do pai...: João de Deus Ramos e a Escola Nova**. (Dissertação de Mestrado, não publicada, Lisboa: Universidade de Lisboa, 2004).

BARRETO, Graziela. **O Colégio de João de Deus: educação nova e organização escolar**. Em: Marta Maria Chagas de Carvalho, Joaquim Pintassilgo, Organizadores. *Modelos culturais, saberes pedagógicos, instituições educacionais* (p. 389-420), São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

BARROS, João de. *Atlântida*. Em: *Atlântida: mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil*, (p. 5-9). Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 15 nov. 1915.

BARROS, João de. **A escola e o futuro: notas sobre educação**. Porto: Livraria Portuense de Lopes & C^a, 1908.

BARROS, João de. **O problema educativo português: ensaio crítico**. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1920.

BARROS, João de. **Um grande educador: João de Deus Ramos e a obra dos Jardins-Escolas**. Lisboa: Oficinas Gráficas, 1933.

Brasil. Departamento de Educação do Distrito Federal. **Jogos infantis: guia e colectânea**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1934.

Cancioneiro escolar, volume I / Branca de Carvalho Vasconcellos e Arduino Bolivar (coligido, coordenado e adaptado). Rio de Janeiro: Casa Bevilacqua, 1926.

Cancioneiro escolar, volume II / Branca de Carvalho Vasconcellos e Arduino Bolivar (coligido, coordenado e adaptado). Rio de Janeiro: Casa Bevilacqua, 1926.

Casimiro Freire: o republicanismo e a instrução popular. Joaquim Pintassilgo e Maria Isabel Freire Ferreira, Organizadores. Lisboa: Edições Colibri, 2020

DAUMERS, Théodore. **Le premier congrès international d'éducation morale et sociale: tenu a Londres du 25 au 29 septembre 1908: rapport présenté à l'administration communale de Bruxelles**. Buxelles: Imprimerie du Progrès - V. Féron, 1910.

DONATO, Hernâni. **100 anos da Melhoramentos: 1890-1990**. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

FIGUEIRA, Manuel Henrique. **Um roteiro da Educação Nova em Portugal: escolas novas e práticas pedagógicas inovadoras (1882-1935)**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

FERRIÈRE, Adolphe. **Transformemos a escola: apelo aos pais e às autoridades**. Paris: Livrarie Turchy-Leroy, 1928.

GOMES, Joaquim Ferreira. **A educação infantil em Portugal**. Coimbra: Livraria Almedina, 1977.

Páginas da história: notícias da II Conferência Nacional de Educação da ABE. Belo Horizonte, 4 a 11 de novembro de 1928 / Arlette Pinto de Oliveira e Silva, Organizadora. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2004.

PEREIRA, Isolina Rosa Prior Ladeira Alves. **História de um paradigma: o método João de Deus e as Escolas Móveis**. (Tese de Doutoramento, não publicada, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1998).

PINTASSILGO, Joaquim. **Imagens e leituras da educação nova em Portugal. Os relatórios de bolseiros portugueses em visita a instituições educativas europeias (1907-1909)**. Em: Ana Chrystina Venancio Mignot, José Gonçalves Gonda, Organizadores. Viagens pedagógicas (p. 195-216), São Paulo: Cortez Editora, 2007.

Prospeto do Bairro Escolar do Estoril. Lisboa: Ottosgráfica, [1929].

Prospecto do Collegio Bennett. São Paulo: Imprensa Methodista, 1928.

Prospecto do Collegio Isabella Hendrix. São Paulo: Imprensa Methodista, 1926.

RAMOS, João de Deus. **Era uma vez um colégio...: história progressa do Bairro Escolar do Estoril: gerência e contas de setembro de 1928 a janeiro de 1936**. Lisboa: Tipografia Henrique Torres, 1936.

RAMOS, João de Deus. **Brinquedos**. Em: Boletim da Casa das Beiras (p. 13-15), Lisboa: Casa das Beiras, ano 9, jan. – mar., III Série – 1, 1943.

RODRIGUES, Elsa. **Jardim-Escola João de Deus (Lisboa-Estrela)**. Em: J. Pintassilgo, L. A. M. Alves (Eds.), Roteiros de inovação pedagógica: escolas e experiências de referência em Portugal no século XX (p. 203-238), Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2019.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. **A invenção de uma nova ordem para as cartilhas. Ser maternal, nacional e mestra. Queres ler?** Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

JORNAIS

AS CONFERÊNCIAS do dr. João de Deus Ramos. O Jornal, Rio de Janeiro, ano 10, n. 3042, p. 1, 26 out. 1928.

A EMIGRAÇÃO para o Brasil. O Seculo. Lisboa, ano 49, n. 16813, p. 2, 28 dez. 1928.

A LINDA palavra de um educador. A Noite, Rio de Janeiro, ano 18, n. 6082, p. 1, 23 de out. 1928.

A TRADIÇÃO portuguesa na cultura brasileira. Patria Portuguesa, Rio de Janeiro, ano 5, n. 216, p. 1, 27 Jan. 1929.

DR. JOÃO DE DEUS RAMOS. O Oriente, Rio de Janeiro, ano 3, n. 80, p. 1, 30 nov. 1928.

FALA-SE do poeta João de Deus, da Cartilha Maternal, dos Jardins-Escolas e da exedra a inaugurar no dia 10. *Vida Mundial Ilustrada*, Lisboa, ano 2, n. 55, p. 12-13, 4 jun. 1942.

HÓSPEDES ilustres: a visita do dr. João de Deus Ramos ao Brasil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 6, 19 out. 1928.

JARDIM-ESCOLA João de Deus: propaganda para aquisição de fundos. *Defesa*, Coimbra, ano 1, n. 45, p. 1, 11 nov. 1908.

JARDINS-ESCOLAS: ouvindo o dr. João de Deus Ramos, fundador do primeiro Jardim-Escola, em Portugal. **Correio da Estremadura**, Santarém, p. 6, 16 jan. 1943.

JOÃO DE DEUS RAMOS. *Diário de Lisboa*, Lisboa, ano 8, n. 2313, p. 1, 22 out. 1928.

MÉTODO João de Deus em Espanha. **O Mundo**, Lisboa, ano 6, n. 1875, p.2, 3 dez. 1905.

NÃO É APENAS o “filho” de João de Deus. antes da conferência desta noite, a notícia visita e ouve o eminente pedagogo português. **A Notícia**, Rio de Janeiro, p. 1, 1 dez. 1928.

«NEM PRÉMIOS nem castigos na educação da criança!» diz-nos o dr. João de Deus Ramos, diretor do Jardim-Escola João de Deus, a propósito do curso de didática pré-primária que hoje inaugurou. **Diário Popular**, Lisboa, p. 7, 15 fev. 1945.

NUMA MISSÃO exclusivamente intelectual. **Globo**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 1168, p. 1, 17 out. 1928.

O BAIRRO escolar do Estoril: grandioso projeto de iniciativa do dr. João de Deus Ramos. **Jornal Português**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 525, p. 1 – 2, 8 dez. 1928.

UMA BELA missão de estudo e de interesse racial. fala-nos o eminente pedagogo português snr. João de Deus Ramos. **A Pátria**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 2605, p. 1, 3 nov. 1928.

UMA ESCOLA de amanhã. **A Notícia**, Rio de Janeiro, p. 1, 25 mai. 1929.

UMA TARDE no Jardim-Escola João de Deus: uma grande obra educativa, sob a égide dum grande poeta, seguida por um grande educador – procurando remediar erros que de longe veem – escola portuguesa. **O Comercio do Porto**, Porto, ano 87, n. 17, p. 3, 17 jan. 1941.

PARA ESTUDAR a diferenciação cultural luso-brasileira. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 3, 18 out. 1928.

FONTES DOCUMENTAIS

Museu João de Deus, Correspondência para João de Deus Ramos: 1907 e 1908.